

## EM MEMÓRIA DE JETHER PEREIRA RAMALHO

Jether foi o nosso primeiro professor de Sociologia. Fomos a primeira turma de Ciências Sociais a iniciar o curso no velho prédio do Largo de São Francisco, em março de 1970<sup>1</sup>. Lembro-me que fiz a minha inscrição para o vestibular ainda na primeira sede do IFCS, na casa que pertencera a Joaquim Nabuco, na rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Tive que apresentar minha identidade a um jovem soldado armado de metralhadora que guardava a entrada do prédio. O prédio havia sido ocupado pelas forças da ditadura e o novo diretor, nomeado, aprovou a mudança do IFCS dali para o antigo prédio da Engenharia, no Largo de São Francisco. O clima era dos piores possíveis, principalmente para muitos de nós que vínhamos do movimento secundarista e do ativismo contra a ditadura. Éramos uns cem alunos que, somados aos que haviam passado para Filosofia e História, entrávamos na “Nacional”, como ainda se dizia na época. A Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil havia sido extinta três anos antes e substituída por várias faculdades e institutos agrupados no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da agora renomeada UFRJ.

Nosso primeiro contato universitário com a Sociologia deu-se, portanto, já no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e já neste mesmo prédio onde o IFCS continua até hoje. Então não sabíamos que Jether e a maioria de nossos professores, quase todos ainda muito jovens, estavam a substituir os antigos catedráticos e seus assistentes, reformados, exilados, aposentados ou cassados pela ditadura nos anos anteriores. Há uma foto, tirada ainda na Marquês de

Olinda, em que quase todos os nossos primeiros professores aparecem: Jether Pereira Ramalho, Gilberto Velho, Yvonne Maggie, Luitgarde Cavalcanti, Liana Cardoso, Eurico de Lima Figueiredo, Venúcia Cardoso, José Jeremias de Oliveira... Estão todos em torno da então diretora do IFCS, a antropóloga Marina São Paulo e Vasconcelos [ver foto ao final do depoimento]. Jether era o mais velho, tinha se diplomado cirurgião dentista muitos anos antes, mas foi buscar no curso de Ciências Sociais na FNFi, onde ingressou após o golpe de 1964, os questionamentos sociológicos de sua prática evangélica, quando os caminhos da ação pastoral que realizava se fecharam, com a perseguição à CEB – Confederação Evangélica do Brasil, então dissolvida. Convidado pelo Prof. Evaristo de Moraes para lecionar em seu lugar numa de suas disciplinas, viu o grande mestre ser perseguido pela ditadura e ser aposentado compulsoriamente pelo AI-5.

Jether entrou sério no anfiteatro do terceiro andar naquele dia de março de 1970, toda a turma já sentada e ansiosa com a primeira aula, primeiro contato universitário pós-colégio, a expectativa nervosa de um mundo relativamente desconhecido. Apresentou-se, explicou como seria o curso de introdução à sociologia e pediu que lêssemos, durante o curso, e fichássemos (explicou o que era um fichamento de livro) um livro recém-saído, A imaginação sociológica, de Charles Wright Mills. Publicado pela Editora Zahar um ou dois anos antes, no Brasil, Wright Mills desancava o positivismo sociológico, as grandes teorias, o empirismo abstrato e nos brindava com um texto que marcou toda a nossa geração: “Do Artesanato Intelectual”. O convite para retornar aos clássicos, refazer o caminho percorrido pela sociologia, ligar o conhecimento à ação, tudo isso teve a forma de um batismo, um batismo talvez avançado demais, mas ao mesmo tempo respeitoso com a inteligência daqueles jovens ali sentados, espremidos naquelas carteiras enfileiradas, ansiosos por saber o que era, afinal, essa tal de sociologia. Muitos de nós conhecíamos superficialmente o marxismo, a psicanálise, alguns livros de história, pouca coisa mais, talvez um Donald Pierson de manual. Fomos apresentados abruptamente a Talcott Parsons e a Lazarsfeld com um texto que, ao mesmo tempo, os compreendia e os criticava. Estávamos aprendendo logo de saída que a sociologia é isso, compreensão e crítica do mundo social e de seus pensadores, conhecimento e ação a partir de uma disciplina acadêmica que exigia rigor e objetividade de seus epígonos.

O estilo docente de Jether não escondia, na retórica e nas brincadeiras a que se permitia conosco, as virtudes de um homem experiente e simples. Logo o vimos como um Mestre, em quem podíamos confiar. Alguns disseram que ele era pastor protestante, soubemos também que um filho seu, José Ricardo, era nosso colega. De certo modo, e digo que consultei outros colegas a respeito, havia, para além de José Ricardo, uma paternidade que nos englobava, que nos recebia.

Uns dois anos depois reencontramos Jether em nova disciplina, Sociologia III. A ementa do curso era sobre Instituições Sociais. Ele dividiu a turma em grupos, cada grupo com uma instituição: família, estado, escola, igreja... Foi um curso bastante dinâmico, que ainda é lembrado por muitos de nós. Mas um acontecimento marcou especialmente esse curso e nos apresentou definitivamente a Jether. Num certo dia, hoje fora do espaço e do tempo, todos advertimos que havia um sujeito na sala de aula que não pertencia à turma. Alguns de nós já havíamos sido presos por dias ou semanas, o clima era o pior possível e sabíamos que havia informantes infiltrados no IFCS. Eremildo Viana, o antigo diretor da FNFi que delatou seus colegas à ditadura, ainda circulava pelos corredores com a empáfia de chefe do departamento de História. Era ainda uma eminência parda junto ao então cauteloso e conservador Diretor Eduardo Prado de Mendonça.

Em plena aula, à luz do dia, Jether se dirigiu ao informante e perguntou se ele estava matriculado no curso. Diante do evidente balbúcio do flagrado, Jether pediu, educada mas firmemente, que ele se retirasse da sala, o que ele fez de imediato. Toda a turma, aliviada, queria aplaudir, mas conteve-se emocionada com a tranquilidade com que Jether, em segundos, continuou a aula do ponto em que estava.

São muitas as histórias que elogiam em seu intercurso o jeito com que Jether lidava com situações difíceis, algumas vezes verdadeiramente situações limites. Além de professor no IFCS, ficamos depois sabendo de sua imersão no ecumenismo e no apoio aos movimentos sociais através do CEDI (depois, Koinonia, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e de outras tantas iniciativas, como o CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular). Foi um dos principais assessores das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e editor da revista Tempo e Presença.

Nunca o perdemos de vista desde que foi nosso professor nos já longínquos anos 70, e não só por causa de José Ricardo Ramalho, que sempre nos atualizava sobre ele. Teve uma vida longa e enquanto suas forças o permitiram, esteve constantemente presente, atuando sempre nos desafios que os movimentos sociais e o seu ecumenismo o mobilizasse. Nós, da turma de 1970, participamos das homenagens que lhe foram prestadas há alguns anos, uma delas em um auditório lotado do Bennett. Um livro foi lançado em sua homenagem e nele figura a expressão, de Rubem Alves, que talvez resuma a personalidade e o caráter de nosso primeiro professor de sociologia: “Jether, Pastor da Esperança”.



Figura 1

Foto do dia da formatura no IFCS, em dezembro de 1968, no jardim da antiga casa da Rua Marques de Olinda, em Botafogo, onde então ficava o Instituto. Jether Pereira Ramalho é o segundo em pé, da esquerda para a direita.

Ao final do post indicamos os demais presentes.

Acervo pessoal de Yvonne Maggie.

#### NOTA

- 1 Publicado originalmente no Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social (<https://blogbvps.wordpress.com/2020/07/28/homenagem-a-jether-pereira-ramalho-1922-2020/>). No blog, além do depoimento de Michel Misse, o leitor poderá ler as homenagens feitas por Yvonne Maggie, Eurico de Lima Figueiredo, Leonardo Boff, Zwinglio Mota Dias, Gláucia Villas Bôas, Carlos Rodrigues Brandão e Carmen Felgueiras.

**Michel Misse** é mestre (IUPERJ, 1979) e doutor em sociologia (IUPERJ, 1999), professor titular aposentado do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia de Ciências Sociais da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança da UFF. Fundou e coordena o Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ. Autor de vários livros e artigos especializados, publicados no Brasil e no exterior, é também pesquisador do CNPq e da FAPERJ. Fundou e edita *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Foi diretor do IFCS-UFRJ (1990-1993) e da Editora UFRJ (2012-2019).